



Espejismo
Fernanda Valadares

Espejismo

Fernanda Valadares

15 FEV — 22 MAR DE 2023

TEXTO CRÍTICO DE PAULA BRAGA



AURA GALERIA

RUA DA CONSOLAÇÃO, 2767
JARDINS, SÃO PAULO/SP

SEG À SEX DAS 10H ÀS 19H
SÁB DAS 10H ÀS 17H

Miragens no mar sem fundo

Enormes espaços sem delimitação, como salares, desertos ou mar aberto, invocam o vazio. Não há nada até onde a vista alcança. Há alguém que vivencia aquele vazio, mas a imensidão retira as bordas que definem a individualidade de quem está solto no vasto espaço. Podemos confrontar a vastidão por poucos instantes, afirmando-nos – eu, eu, eu – mas das duas, uma: ou vem a angústia ou vem a dissolução no todo. Como escreveu a artista Fernanda Valadares, “quando o vazio é inevitável, melhor ser o vazio. O vazio é inevitável. Sou-espaço.”

A esta sensação de ser o vazio imenso, Valadares chama de “estado de salar”, mote de suas grandes pinturas em encáustica que por volta de 2012 sugeriam, com a evanescente aparição de montanhas ao longe, um ir e vir, passando da dissolução de si no espaço ao retorno aos próprios contornos. A montanha dava a referência no vazio infinito, estava lá para voltarmos a ter forma, porque para nos sentirmos indivíduos bem definidos no espaço imenso da vida, precisamos de um outro, de uma montanha que, estando firme no espaço, interrompa o vazio. A montanha às vezes é uma outra pessoa – mas ela some muito rápido –, e às vezes pode ser uma obra de arte, que perdura em um tempo mais próximo do tempo da montanha do que do tempo humano individual.

Fernanda Valadares trabalha com a duração estendida do fazer e da permanência da encáustica, técnica que confere à pintura a possibilidade de durar por milhares de anos. Lentamente, o calor do ferro quente derrete a cera, que vai se misturando ao pigmento e estabelecendo o jogo entre a vontade da cera e a vontade da artista, materializando uma superfície densa, paradoxalmente homogênea e salpicada de acontecimentos táteis e sensuais, indiferentes à frieza dos tons de branco e à assepsia das arquiteturas vazias reproduzidas nas obras da artista. As raspagens da cera e as pequenas bolhas que viram furinhos na superfície induzem no espectador o desejo de lambar aquela cremosidade sóbria, despindo a pintura das formas familiares de paredes e escadas, dissolvendo tudo na massa amorfa do “estado de salar”, para atingir a camada de carne da existência.

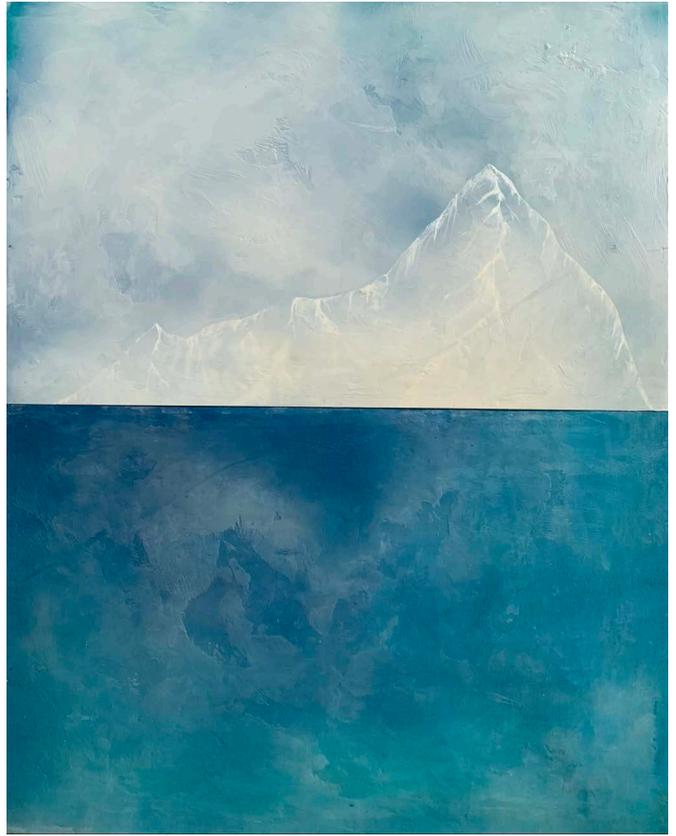
Na série Espejismo, a miragem mencionada nos títulos das pinturas talvez seja exatamente a ilusão que sustenta o dia-a-dia com salas, escadas, passagens, caminhos, conceitos, crenças que disfarçam a indiferenciação entre nós e a matéria bruta da vida, poupando-nos da experiência direta com a imensidão pungente. Nas paredes, às vezes há misteriosas montanhas que formam um horizonte que é também um rasgo que abre a fresta da desconfiança de que há um infinito atrás da superfície. Em outras pinturas, o vazio escuro da janela e o cômodo invisível para onde a escada conduz podem ser passagens para o sentimento oceânico de submersão no todo.

No primeiro capítulo de “O Mal-estar na Civilização”, Freud associa o sentimento oceânico de comunhão com o todo aos primórdios da vida psíquica quando, para o bebê, ainda não há a diferenciação entre o Eu e o mundo. O psiquismo, segundo o pai da psicanálise, é feito de camadas que se sobrepõem e coexistem – como em uma pintura em encáustica. Freud explica que, assim como escavando o solo da cidade de Roma encontramos a Roma de outras épocas – e provavelmente pinturas romanas em encáustica –, mergulhando no psiquismo poderíamos encontrar o Eu de outras fases da formação da mente, e ter contato extemporâneo com o sentimento oceânico de dissolução no todo, de sentir-se uma coisa só com o mundo, indiferenciado dele. E isso pode ser tão dolorido quanto instigante, lembrando que Freud termina o capítulo sobre o “sentimento oceânico” citando os versos de Schiller: “Alegre-se, quem ainda respira na luz rósea”, alertando-nos de que não é fácil permanecer por muito tempo sentindo-se dissolvido e submerso no todo.

Na série Subversos de Fernanda Valadares, as montanhas pintadas em papel com a técnica da encáustica se espelham em miragem e mergulho. Seriam os subversos subversões ou submersões da ideia de universo? Imersas e invertidas, as montanhas invocam uma analogia entre o tempo geológico e o tempo da obra de arte: ambos são muito mais longos do que o nosso tempo de existência individual. Se entrarmos em “estado de salar” e nos dissolvermos na arte, perduraremos como a pintura em encáustica? Também em papel, a série Mira.gem é homenagem a Mira Schendel, a artista filósofa que existe para sempre. Provavelmente é isto o que queremos da arte: que ela seja montanha silenciosa, o outro de nós que provê contornos no mar lindo e assustador da existência.

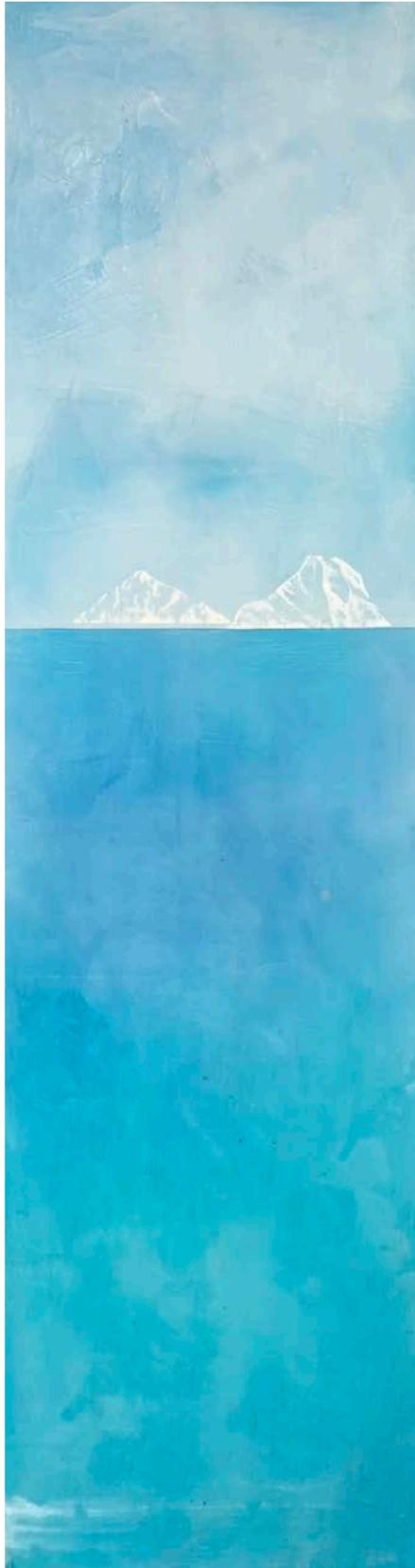
Paula Braga
Fevereiro de 2023



















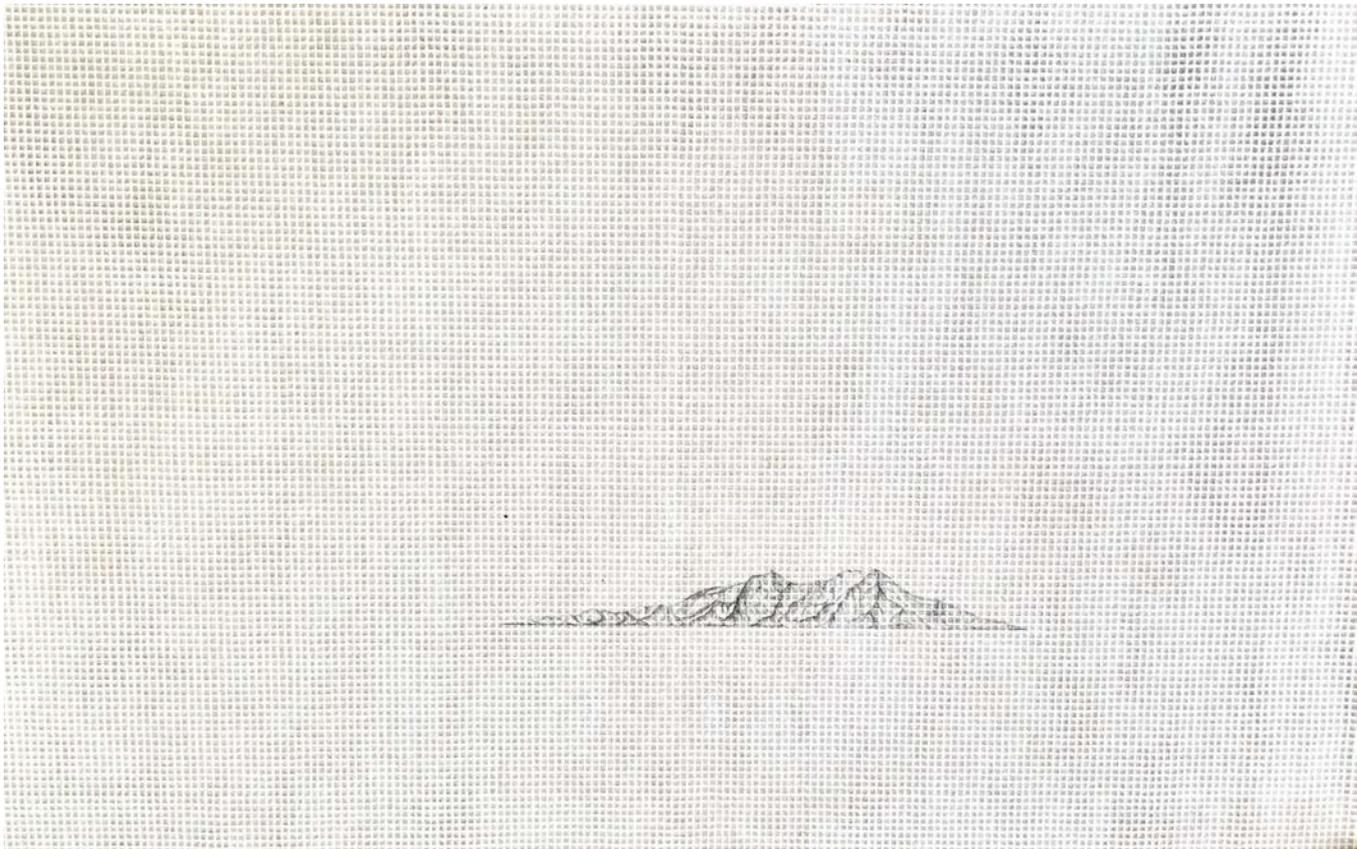


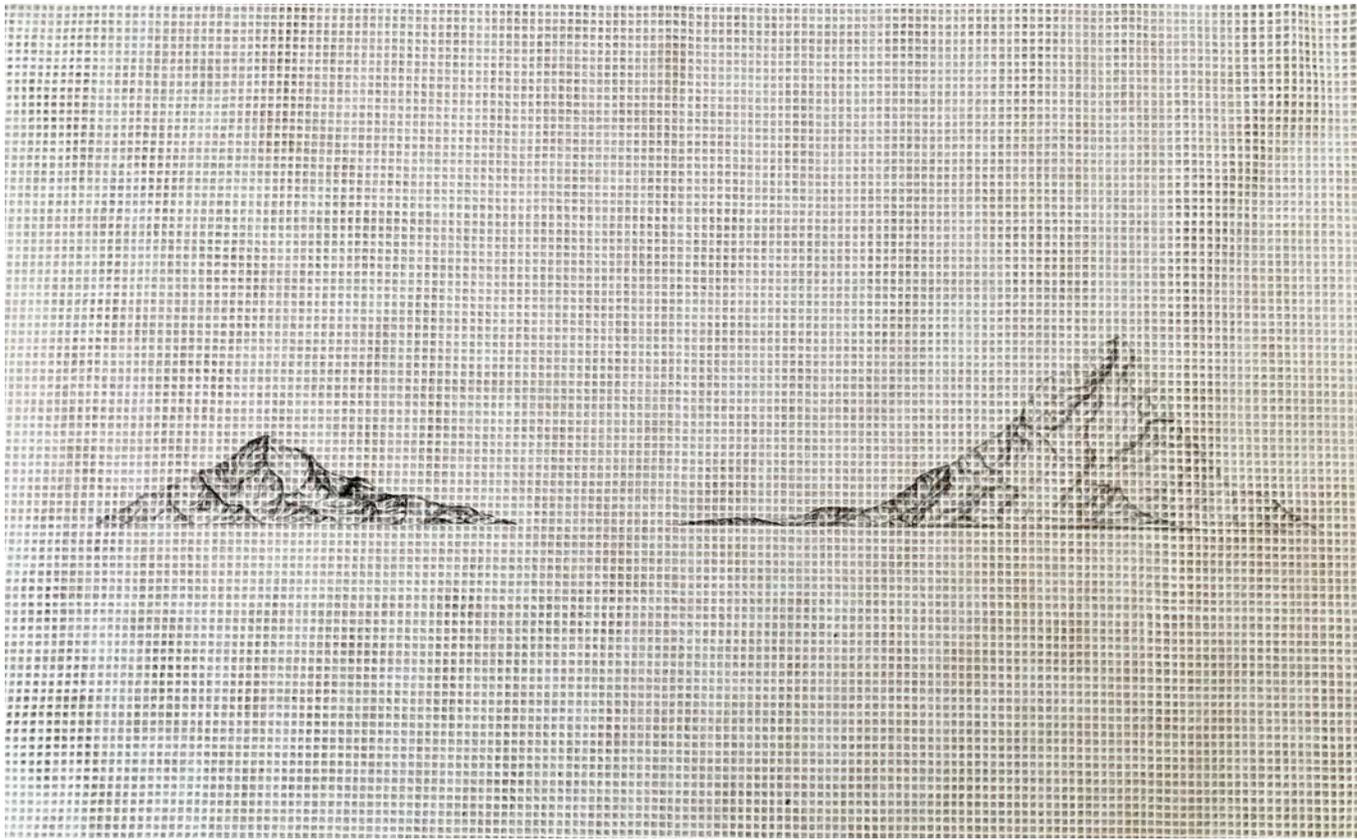














Fernanda Valadares

São Paulo/SP, 1971. Vive e trabalha em Cunha/SP.

Para Fernanda Valadares, arte contemporânea é viver. "Se vamos falar de experiência, essa é a experiência definitiva, abrange todo mundo. Vale para tudo, vale para todos, vale sempre", escreve a artista. Tendo entrado em contato com a técnica da encáustica pela primeira vez através de um frei italiano recém chegado ao Brasil, a artista elege essa materialidade como seu principal meio de trabalho.

Nascida em São Paulo em 1971, Valadares vive e trabalha na região de Cunha, na zona rural do estado. Possui bacharelado e licenciatura pela Faculdade Santa Marcelina e é mestre em poéticas visuais pelo Instituto de Artes da UFRGS, em Porto Alegre. Teve trabalhos selecionados para o I Concurso Itamaraty de Arte Contemporânea, 64º Salão de Abril/CE, 42º Salão de Arte Contemporânea Luiz Sacilotto, Prêmio Açorianos de Destaque em Pintura e no 65º Salão Paranaense, no MAC/Curitiba, foi contemplada com o prêmio aquisição. Participou de várias exposições coletivas e individuais, como, dentre outras: no Museu de Arte Extemporânea (2012), através do XIII Concurso de Artes Plásticas Goethe Institut Porto Alegre; na Adega Evaporada, no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (2014); a exposição "À Beira do Vazio" (2014), no Museu de Arte de Santa Catarina.



Sobre a Aura Galeria

Atuante no mercado de arte desde 2015, a Aura foi criada como uma plataforma online de mapeamento de artistas emergentes. Em 2017, fixou sede em São Paulo, passando a atuar como uma galeria de arte em moldes tradicionais.

É o ano de 2022, entretanto, que marca um redirecionamento completo de seu percurso e atuação no sistema da arte. Desde abril daquele ano, a Aura conta no comando de sua operação com Edoardo Biancheri e Nei Vargas da Rosa, ambos a frente de mudanças no grupo de artistas representados, na equipe, na marca, no endereço, na política de funcionamento e tantas outras questões que envolvem o projeto de uma jovem galeria.

Ainda em 2022, nosso novo espaço físico foi inaugurado no mês de outubro, no bairro dos Jardins, próximo a importantes agentes do campo da arte contemporânea, museus e centros culturais. No cerne e razão da Galeria está um grupo de artistas de diferentes regiões do Brasil, e do exterior, que reúne linguagens variadas com propostas capazes de dar soluções de excepcional qualidade a questões conceituais, afinadas ao debate contemporâneo das artes visuais.

A ideia de uma representação que pudesse trazer pesquisas poéticas de outras geografias foi um objetivo rapidamente incorporado no início da reformulação. Nesse sentido, é esse grupo de artistas que possibilita à Aura assumir o desenvolvimento do colecionismo de arte contemporânea como principal eixo norteador do posicionamento institucional e mercadológico de seus artistas nas escalas nacional e internacional.



Aura Galeria
info@aura.art.br
+55 11 3034-3825
aura.art.br

Siga a Aura

 @aura.galeria

 Aura Galeria

 Aura Galeria